

Lyslei Nascimento. *Animais desaparecidos*. Curitiba: Mepe, 2023. 68 p.

Esta lista... é um bem absoluto.
A lista é vida.
Itzhak Stern

Animais desaparecidos é o mais novo título publicado pela autora e pesquisadora mineira Lyslei Nascimento. A obra é uma coletânea de contos – ou microcontos – que se ligam como índices de animais extintos em um tempo futuro. A obra comporta doze verbetes de animais extintos pela ação humana. Os animais (reais e fantásticos ao mesmo tempo) de Nascimento são paradigmas de um futuro à espreita. É um futuro que espia pelo buraco da fechadura do tempo, em outros termos, se deixa ver por meio da literatura, que torna real a imaginável (um imaginável tão próximo que quase se pode tocar) possibilidade, por sua potência de concretude.

O espaço em que esse arquivo zoológico se processa situa-se no limiar do tempo, ou seja, entre o presente, em que o mundo conhecido se estrutura para o caos, e o porvir, em que esse contexto já é realidade. A obra, nesse sentido, aponta para um amanhã devastador, mas também para um agora em que a catástrofe vai progressivamente se delineando com cores prognosticadas no progresso, no mundo em decomposição no presente da enunciação – isto é, previsível no desenrolar do aquecimento global, das queimadas e das calamidades climáticas que nos assombram.

Os animais que compõem o arrolamento de criaturas extintas – Abelhas, Borboletas, Cães, Dromedários, Elefantes, Galos, Joões-de-Barro, Louva-a-Deus, Peixes-Boi, Tigres, Vaga-lumes, Zebras – relacionam-se ao alfabeto, à linguagem, à comunicação, enfim, ao encontro entre animais e humanos, todos “em risco e sujeitos a desaparecer” (BHEVENTOS, 2023). A confluência ocorre também entre autora e leitores que, juntos, formam o universo de perspectivas da obra.

O livro de Lyslei Nascimento, além disso, retoma a tradição dos Bestiários Medievais e de sua catalogação e descrição voltadas a animais reais e fantásticos. Conforme destaca Márcia Seabra Neves (2014), essa catalogação fora, grande parte das vezes, escrita em prosa ou em verso, aliando imagem (iluminuras) ao texto. Michel Pastoureau (apud NEVES, 2014) define os bestiários como livros estranhos de animais que tratam das espécies com propósito de fundamentar significados transcendentais. Nesse sentido, os animais dos bestiários apresentam-se como signos e símbolos associados às Escrituras e ao sagrado, mas fortemente ancorados em um propósito doutrinário.

Segundo Nunes (2014), nos bestiários, os animais, descritos em suas propriedades e hábitos, eram apontados em seus significados simbólicos-alegóricos (significados relacionados à Bíblia e aos filósofos e naturalistas do período) e considerados em suas perspectivas morais e religiosas. Para mais, o bestiário medieval é um gênero híbrido que se prolongou até os nossos dias. O diálogo com essas obras pode ser apreendido, por exemplo, nos textos de Jorge Luís Borges, dos quais *Animais desaparecidos* é tributário. Borges elenca em sua obra verbetes zoológicos que conversam com a tradição, mas também são precursores desta nova poética de bestiários que a literatura contemporânea engendrou, como visto na obra do autor mexicano Juan José Arreola, do guatemalteco Augusto Monterroso e do brasileiro Wilson Bueno.

Animais desaparecidos enquadra-se nesse arrolamento. A obra se desdobra em contos que perturbam as familiaridades e desestabilizam os horizontes de expectativas daqueles leitores acostumados a textos orquestrados em perspectiva linear e andamento estável. O livro da autora mineira rompe as barreiras do previsível, abalando as superfícies seguras de sentidos fixos e unos. A inquietante lista incompleta dos animais desaparecidos impõe ao leitor uma participação ativa no sentido de projetar efeitos possíveis de sentido. A participação do outro se faz no chamado da autora – no prólogo da obra – a completar as lacunas do texto e os espaços gráficos em branco que impõe um trabalho conjunto de entendimento. A participação centra-se ainda na reflexão em torno desse futuro muito próximo que, assim como o conjunto de contos, clama pelo olhar que vislumbre o porvir, o adiante, o além do dito. O livro

conclama à intervenção para que a previsão (o desaparecimento dos animais) não se cumpra, para que a ameaça de devastação não se converta em irreversibilidade:

O dia, tal qual o conhecíamos, já não mais amanhece porque não há galos para tecer as manhãs. Amanhã, quem sabe, um pintainho cor de nuvem há de, apesar de tímido e pequenino, enfrentar a noite escura e infinita, subindo corajosamente na cerca que nos separa, desafiar a lua e as estrelas e, por três vezes, chamar com seu canto mafioso e solitário, não a traição, mas um terceiro tom a que chamamos aurora. O galinho, assim, se tornará o solilóquio heroico do nosso tempo. (NASCIMENTO, 2023, p. 27).

Como Jorge Luís Borges, Lyslei Nascimento se apropria da história e da memória alheia para construir e inventar (NASCIMENTO, 2011). Sua coleção de animais é feita de imagens abertas em uma lista fantástica e com vistas à complementação. Essa proposta reflete o limite do outro e do uno. Desse modo, é no convite ao preenchimento e colaboração que se estabelece uma história que não se quer totalitária, mas inventário infinito de possibilidades e articulações. *Animais desaparecidos*, assim, conecta-se aos textos que o precederam e abre-se a novos sentidos – proporcionados pelas lacunas a serem preenchidas pelos leitores futuros.

A enumeração apresentada na obra volta-se (tomando-se como ponto de partida uma deslocação de seu sentido aparente) à crítica da pretensão arquivística que busca contabilizar itens da tradição, recolhidos da ruína e do fim. Esses itens, ordenados e catalogados para remontar uma história acabada que se quer compreensível e progressivamente ordenada, são construções artificiais diante da finitude, da extinção e da ruína de existências animais (mas também humanas).

Na obra, a ordenação se constrói como restos de vidas que se extinguem e que subsistem apenas em verbetes, nada além de seu estado de dicionário. Essa angústia da perda – perda futura, na materialidade do instante de sua composição, e passada, no enunciado textual – marca-se como lembrança de algo que não mais existe (e, no avesso da moeda, é ameaça ao que poderá não mais existir). No imaginário desses seres reais – que se recriam no desvanecimento do horizonte humano destrutivo –, a profecia se cumpriria: todos os animais da Terra tremem de medo diante do homem, todos entregues as suas mãos (*Gênesis* 9:2). Consequentemente, *Animais desaparecidos* tenciona uma realidade ameaçadora a partir de sua aparente simplicidade poética. A lista de Lyslei Nascimento traz em si uma violenta advertência

que muitos teimam em não considerar. Atentar a ela, no entanto, é imprescindível para que a vida e a humanidade não se percam em seus descaminhos.

REFERÊNCIAS

BHEVENTOS. *Lançamento do livro “Animais desaparecidos”, de Lyslei Nascimento*. [s.l] 2023. Disponível em: <<https://www.bheventos.com.br/noticia/04-23-2023-lancamento-do-livro-animais-desaparecidos-de-lyslei-nascimento>> Acesso em: 28/06/ 2023.

NASCIMENTO, Lyslei. *Animais desaparecidos*. Curitiba: Editora Mepe, 2023. 68p.

NASCIMENTO, Lyslei. Memória de Sefarad em Jorge Luis Borges. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p. 72–77, 2011. DOI: 10.17851/1982-3053.5.8.72-77. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14087>. Acesso em: 02/07/ 2023.

NEVES, Márcia Seabra. *Bestiarium* ou *Livro das bestas*: da tradição zoológica medieval ao bestiário fantástico de Jorge Luís Borges. *Agalia*, n. 110, p.33-52, 2º. semestre, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5469176>. Acesso em: 28/06/2023.

Christini Roman de Lima

Doutor em Letras pela UFRGS